

Antropofagia e brasilidade na Copa do Mundo de 2010: uma leitura das crônicas de Xico Sá

Anthropophagy and Brazilianness in the 2010 World Cup:
A Reading of the Chronicles by Xico Sá

Zeca Marques

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru/SP, Brasil
Doutor em Ciências da Comunicação, USP
zeca.marques@faac.unesp.br

Patricia Souza de Lima

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru/SP, Brasil
Especialista em Linguagem, Cultura e Mídia, Unesp
patricia.lima@unesp.br

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar as crônicas de futebol do jornalista e escritor Xico Sá, publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*, no período da Copa do Mundo de Futebol de 2010 disputada na África do Sul entre os dias 11 de junho e 11 de julho daquele ano. Pretende-se mostrar que Xico rejeita a escrita pragmática do jornalismo contemporâneo e que, por meio da emotividade e do sentido lúdico da escrita, consegue trazer à tona elementos da cultura brasileira que configuram alguns aspectos da chamada “identidade nacional”, de acordo com definições do antropólogo Roberto DaMatta. Além disso, a escrita coloquial e as imagens antropofágicas provocadas por Xico Sá atestam a presença, em seus textos, de várias contribuições e elaborações dos modernistas brasileiros do início do Século XX, especialmente do escritor Oswald de Andrade.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; Identidade nacional; Futebol; *Folha de S. Paulo*.

ABSTRACT: This article aims to analyze the football chronicles of journalist and writer Xico Sá, published in the newspaper *Folha de S. Paulo*, during the 2010 World Cup held in South Africa between June 11th and 11th. of July of that year. It is intended to show that Xico rejects the pragmatic writing of contemporary journalism and that, through emotionality and the playful sense of writing, he manages to bring out elements of Brazilian culture that shape some aspects of the so-called “national identity”, according to with definitions by the anthropologist Roberto DaMatta. Furthermore, the colloquial writing and the anthropophagic images provoked by Xico Sá attest to the presence, in his texts, of various contributions and elaborations of the Brazilian modernists of the early 20th century, especially the writer Oswald de Andrade.

KEYWORDS: Chronic; National Identity; Football; *Folha de S. Paulo*.

INTRODUÇÃO

Não é surpreendente que o futebol possa ser interpretado como uma das maiores marcas identitárias do Brasil, como atestam algumas contribuições já clássicas de jornalistas como Thomaz Mazzoni (1950) e Mário Filho (1994), de estudos da academia – como os de Roberto DaMatta (1982), José Sérgio Leite Lopes (1998) e Ronaldo Helal, Antônio Soares e Hugo Lovisolo (2001), ou de contribuições de jornalistas que mais recentemente sintetizaram em livro estas questões – casos de Frank Foer (2004) e Marcos Guterman (2010). Estamos rodeados pelo futebol em diferentes tempos e espaços – e nem é preciso gostar desta modalidade esportiva para perceber sua existência. Basta entrar num bar em dia de jogo, ligar a televisão no horário do almoço, abrir os jornais, aceder a portais de notícias etc., que o futebol estará lá de maneira mais ou menos acentuada. Profissão, lazer, espetáculo, atividade econômica, tema constante na mídia e nas conversas cotidianas, essa modalidade deixou há muito de ser um mero esporte, tornando-se uma paixão que atinge milhões de pessoas em nosso país.

Este texto procura analisar as crônicas de Xico Sá, cronista de renome no jornalismo impresso contemporâneo. Suas crônicas, como poderemos ver adiante, andam na contramão de uma lógica canônica do jornalismo, a qual busca certa neutralidade e distância do objeto retratado. Xico Sá, por outro lado, utiliza-se do lirismo, dando tons poéticos às crônicas, de forma a retratar o futebol de maneira pouco pragmática, da maneira que gênios da crônica trataram em outras épocas e, conseqüentemente, outras realidades (como, por exemplo, Nelson Rodrigues e Mário Filho).

De acordo com Culler,¹ as teorias literárias refletem modos de ler o mundo e a literatura, modos esses profundamente marcados pelas injunções históricas, políticas e sociais às quais nem críticos, nem teóricos, nem autores, nem leitores estão imunes. A importância sociológica da análise literária consiste em revelar não tanto as estruturas linguísticas presentes em determinada obra, mas o estado das coisas que existem em seu intrínseco.

¹ CULLER. *Teoria literária: uma introdução*.

Podemos dizer que as práticas discursivas de Xico Sá são resultado de práticas sociais. Ou seja, em sua escrita, o cronista absorve e transmite valores da sociedade em que está inserido. Buscaremos neste estudo averiguar a maneira que o cronista representa esta realidade, em específico o futebol contemporâneo, testando a hipótese de que sua escrita fortalece a noção de identidade nacional, a chamada “brasilidade” definida pelo antropólogo Roberto DaMatta,² ao mesmo tempo que nega o patriotismo relacionado à seleção brasileira, refletindo o contexto atual do futebol.

Analisar-se-ão neste artigo 16 crônicas publicadas no período da Copa do Mundo de Futebol de 2010, realizada na África do Sul entre 11 de junho e 11 de julho de 2010. O ano da Copa foi escolhido pensando-se que o patriotismo normalmente observado ao longo dessa competição nos possibilitaria mais detalhes de reflexão e análise. Nosso objetivo é compreender de que maneira este cronista contemporâneo contribui para o enriquecimento do debate entre futebol e cultura brasileira. Além disso, procuraremos demonstrar como Xico Sá reforça traços e características próprias do Modernismo brasileiro, especialmente na esteira da obra e das propostas do escritor Oswald de Andrade. Para tal, primeiramente será necessário percorrer um pouco sobre a trajetória do gênero crônica no Brasil.

A CRÔNICA

A palavra crônica tem sua origem etimológica no termo grego “chronikos”, que se relaciona ao tempo. Segundo Marques,³ inicialmente a crônica era tida como um relato de acontecimentos por ordem cronológica, uma espécie de narração histórica, que ao longo dos anos daria lugar à própria História, hoje conhecida como a ciência cuja função é investigar o passado da humanidade e seu processo de evolução.

Foi no século XIX que a crônica começou a tomar entornos parecidos com os que conhecemos hoje. O ensaio inglês e o folhetim francês influenciaram o desenvolvimento do que conhecemos como crônica. Do ensaio, a crônica absorve o caráter de tentativa, sem os formalismos acadêmicos de outrora; e do folhetim a

² DAMATTA. *O que faz o Brasil, Brasil?*.

³ MARQUES. *A crônica de esportes no Brasil: algumas reflexões*, p. 85-101.

dimensão “ficcional” dos eventos e temas tratados. Contudo, pode-se dizer que a maior porcentagem de influência veio do folhetim.

Surgido na França, no século XIX, o *feuilleton* era um texto que abordava os mais diversos assuntos com o objetivo de entreter. Havia dois tipos de folhetim: o folhetim-romance e o folhetim-variedades. O folhetim-romance consistia em uma narrativa literária publicada de forma seriada (e regular) nos jornais. O folhetim-variedades abordava de forma livre e descompromissada fatos e notícias do cotidiano, fossem da cidade, do país ou do mundo. O folhetim-variedades estaria mais próximo do que viria a ser a crônica.⁴ E é exatamente como folhetim que a crônica surge no Brasil. Segundo Afrânio Coutinho, o folhetim brasileiro se iniciou com Francisco Otaviano, em 1852, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. Os escritores que se seguem são José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto, etc.⁵

Em um estudo já canônico no Brasil sobre a crônica, Davi Arrigucci⁶ define-a como “uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo”.

A crônica começa a se distanciar do tom folhetinesco e ganha autonomia a partir da década de 1930, quando passa a receber mais aceitação nas páginas dos jornais brasileiros. O tom coloquial das publicações explicita que o tom bacharelesco já não condiz com a realidade nacional. A imprensa começa a tomar ares empresariais e a crônica, de alguma forma, reflete as mudanças ocorridas na sociedade brasileira nesse período.

Quando falamos em crônica, o senso comum muitas vezes aponta para temáticas frívolas e menos importantes. E não que as crônicas não tratem de fato de temas leves, porém a questão fundamental (e que segue em constante debate) é se ela seria um gênero menor na literatura.

Alguns pontos podem elucidar o motivo de ela ser tratada como um gênero menor, conforme o célebre e clássico texto de Antonio Candido.⁷ Por exemplo, o fato

⁴ LAURITO; BENDER. *A crônica: história, teoria e prática*.

⁵ MELO. *A opinião no jornalismo brasileiro*.

⁶ ARRIGUCCI. Fragmentos sobre a crônica, p. 51.

⁷ CANDIDO. *A vida ao rés-do-chão*.

de ser publicada num suporte diário e descartável como o jornal impresso, ao lado de escritas que se pretendem “frias e objetivas”, tenderiam a fazê-la perder a qualidade literária. Acresce-se a isto o fato de fazer parte de um meio de circulação rápida, onde os textos são lidos e, teoricamente, esquecidos, dando lugar ao impresso de amanhã. Nelson Rodrigues, considerado um dos grandes mestres da crônica, diria em um dos seus textos: “Dirão vocês que, apesar dos pesares, o jornal da véspera ainda comove. Não, não. Essa margem de tempo que vai da véspera ao dia seguinte impede qualquer apelo emocional”.⁸ Para ele, a qualidade literária era ofuscada pela rapidez e pragmatismo do jornalismo. Foi, e ainda hoje é, um debate frequente a distância que separa e aproxima a reportagem da literatura. A crônica situa-se portanto entre a literatura e o fato que alimenta a reportagem, ou seja, entre o relato que se quer imparcial da realidade e a recriação da mesma realidade de forma fantasiosa.

Para Moisés,⁹ o que revela a crônica literária é o poder de se manter atual mesmo com o passar do tempo. Um bom uso da linguagem, uma boa história, com enredo e personagens com os quais o leitor se identifique, uma pitada de humor ou um lirismo que comova, tudo isso faz com que uma crônica seja única.

A tomada de forma da crônica do século XX está muito ligada à necessidade de escapar da objetividade. Segundo Marques,¹⁰ a crônica representou uma resposta ao mundo fragmentado e urbano surgido com a Revolução Industrial, refletido na massificação dos meios de comunicação, que demonstrava ser cada vez mais veloz e pragmático.

No entender de Pereira (*apud* LUCENA, 2003),¹¹ a crônica determina novas relações com os gêneros jornalísticos, não se limitando a informar ou opinar, mas construindo novos significados na própria articulação entre as várias linguagens que o cronista exercita para explicar as representações de seu mundo ao leitor. Contextualizando as modificações sofridas ao longo dos tempos, o autor conta que no período em que a crônica toma impulso e adquire autonomia estética (século 19), os jornais ainda não têm um sistema ou linguagem que mostrem independência dos

⁸ RODRIGUES. O jornal da véspera sai hoje, p. 68.

⁹ MOISÉS. *A criação literária*.

¹⁰ MARQUES. A crônica de esportes no Brasil, p. 85-101.

¹¹ LUCENA. A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil.

seus discursos diante dos gêneros literários. Aos poucos, os jornais vão assumindo ares de empresa, o que implica o tratamento mais adequado para a notícia, e também a absorção de inúmeros colaboradores passam a dar à imprensa um tom meio político, meio literário.¹²

A crônica adquire, além de sua força subjetiva, um forte poder crítico. Façamos aqui uma frutífera referência a Machado de Assis. A partir de suas publicações na *Gazeta de Notícias*, de 1890 a 1892, o cronista brasileiro foi ganhando a independência necessária para se ver separado dos escritos puramente jornalísticos. Machado demonstra, nesse período, que a crônica é capaz de ampliar a capacidade de percepção dos acontecimentos, podendo fornecer um ambiente propício a análises menos superficiais, ainda que dotadas de humor.

Em seguida, surgem jornalistas-literatos diversos, cada qual criando sua própria forma de expressão. Entre os muitos exemplos podemos somar: José de Alencar, Lima Barreto, José Lins do Rêgo, João do Rio, Nelson Rodrigues, Rubem Braga, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade. Sobre a crônica brasileira, diz Massaud Moisés:

Chegando ao Brasil, a crônica ganhou nova roupagem, a ponto de exclamarem que esse gênero seria tipicamente brasileiro: a crônica assumiu entre nós caráter *sui generis*. Em outros termos, estamos criando uma nova forma de crônica (ou dando erradamente esse rótulo a um gênero novo) que nunca medrou na França. Crônica é para nós hoje, na maioria dos casos, prosa poemática, humor lírico, fantasia, etc., afastando-se do sentido de história, de documentário que lhe emprestam os franceses.¹³

Antônio Candido, em seu já citado “A vida ao rés-do-chão”,¹⁴ afirma que a crônica é tida como um gênero menor por estar circunscrita ao meio impresso, esse que “amanhã estará forrando as lixeiras” e que –por isso mesmo – teria em sua natureza a despreensão e a leveza, características estranhas à grandiloquência de outros gêneros literários, como o romance. De maneira paradoxal, essa leveza tornaria possível que assuntos de grande complexidade e sensibilidade cheguem ao leitor, pois se fazem de maneira objetiva e próxima.

¹² ROSSETI; VARGAS. A recriação da realidade na crônica jornalística brasileira.

¹³ MOISÉS. Crônica, p. 246.

¹⁴ CANDIDO. A vida ao rés-do-chão.

A CRÔNICA SOBRE ESPORTES

Quando da sua importação de terras britânicas, a função do futebol era entreter a elite carioca e paulistana.¹⁵ Aos poucos, esta modalidade esportiva foi ganhando espaço entre outras classes sociais, tornando-se um evento para todo o público. De alcance popular a partir do final da década de 1910, o futebol alcançou novas dimensões a partir da década de 1930, passando a representar um aspecto simbólico da cultura brasileira, para o qual também contribuiu a realização de três Copas do Mundo nesse período (em 1930, no Uruguai; em 1934, na Itália; e em 1938, na França). Além disso, temos ainda o reflexo das políticas da era Getúlio Vargas (1930-1945), que procurou fomentar o nacionalismo com ações governamentais e incorporar algumas lógicas de funcionamento do mercado do futebol que já se impunham à época. Dentre elas, podemos citar a legalização da profissão do futebolista em 1933, e a criação de lei que estabeleceu as bases da organização dos desportos em todo o país.¹⁶

O futebol foi visto de diferentes maneiras no correr das décadas, o que muito se relaciona com as mudanças sociais, midiáticas e tecnológicas decorrentes desses períodos. Inicialmente, a mídia impressa se baseava em descrições minuciosas dos acontecimentos e lances dos jogos, contemplando uma descrição objetiva dos fatos. Entretanto, a crônica esportiva foi se desvencilhando da pura descrição. A transmissão radiofônica foi uma de suas primeiras influências, dado que as narrações tinham características objetivas, mas também recriações linguísticas, não se detendo apenas aos fatos, mas dando tons imaginativos aos jogos.¹⁷

Com o advento da televisão, essa emotividade dramática perdeu espaço, diante da comunicação visual que tudo (ou quase tudo) mostra. Apostando na devoção nacional, as mídias esportivas têm investido cada vez mais no futebol.¹⁸ Desta forma, programas esportivos discutem os lances, as táticas, a conduta dos jogadores e técnicos, dissecando os jogos e seus acontecimentos.

¹⁵ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*.

¹⁶ SILVA. *Bola na rede: o futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização*.

¹⁷ MARQUES. *O futebol em Nelson Rodrigues*.

¹⁸ DINIZ. O futebol como epopéia: análise das crônicas de Nelson Rodrigues sobre a Copa do Mundo de Futebol de 1958.

Segundo Marques,¹⁹ essa perda gradual da emoção em prol de um novo formato de jornalismo – mais racional e analítico – teve relação direta com as formas pragmáticas e mercadológicas que o futebol tomou desde o final do Século 20.

Passando da evolução do gênero literário crônica para o subgênero crônica esportiva, especificamente a crônica que retrata o futebol, devemos primeiramente diferenciar os tipos de crônicas, que – ainda que encerradas num mesmo vocábulo, não exercem sempre a mesma função. Segundo Melo,²⁰ a crônica jornalística é, em essência, uma informação interpretativa e valorativa de efeitos noticiosos, atuais ou atualizados, de onde se narra algo ao mesmo tempo em que se julga o que é narrado. Já a crônica literária possui características artísticas, as quais não necessariamente condizem com a realidade, lançando mão de imaginação e subjetividade. Ambos os modelos têm tido seu espaço garantido na mídia impressa e, inclusive aumentado desde que o futebol alcançou uma dimensão nacional a partir da década de 1930, quando passou a tomar formas de símbolo da cultura brasileira.

Quem merece destaque na história da crônica esportiva é Mário Rodrigues Filho, mais conhecido como Mário Filho ou como o “irmão de Nelson Rodrigues”. Nascido em Recife em 1908, tornou-se entusiasta do futebol, e como jornalista, iniciou a carreira dedicando páginas inteiras à cobertura das partidas. Mário Filho foi tido como o responsável pelo fim da escrita de fraque dos antigos cronistas esportivos. Ao trazer uma nova forma de escrever, fazia nascer uma nova crônica esportiva, incorporando ao gênero, além da nova linguagem, respeitabilidade ao ofício da crônica. Para Nelson Rodrigues, também cronista e dramaturgo, foi Mário quem “inventou” a crônica de futebol:

Mário Filho inventou uma nova distância entre o futebol e o público. Graças a ele, o leitor tornou-se tão próximo, tão íntimo do fato. E, nas reportagens seguintes, iria enriquecer o vocabulário da crônica de uma gíria irresistível. E, então, o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página [...]. Tudo mudou, tudo: títulos, subtítulos, legendas, clichês [...]. O cronista esportivo começou a mudar até fisicamente. Por outro lado, seus ternos, gravatas e sapatos, acompanharam a fulminante ascensão social e econômica. Sim, fomos profissionalizados por Mário Filho.²¹

¹⁹ MARQUES. A literatura invade a grande área, p. 55-71.

²⁰ MELO. *A opinião no jornalismo brasileiro*.

²¹ RODRIGUES. Mário Filho, o criador de multidões, p. 137-8

Mário Filho, Nelson Rodrigues e José Lins do Rego trariam grande prestígio à crônica esportiva em torno da década de 1950. Neste mesmo período, contudo, passaríamos a enxergar uma divisão se formando entre os estilos dos cronistas. Até então o estilo da escrita era deveras emotivo, com textos carregados de subjetividade, imaginação e lirismo. A partir daí, surgiram cronistas preocupados com o caráter objetivo do futebol, descrevendo lances, incorporando análises táticas e termos técnicos do jogo.

Os acontecimentos que melhor explicam esta cisão são o advento da televisão e a intensa profissionalização do jornalismo esportivo. O torcedor passou a ter acesso à transmissão ao vivo dos jogos, à reprise e participação de especialistas. Podemos dizer que a mídia esportiva ficava mais técnica, e como consequência as crônicas carregadas de teor emotivo perdiam seu espaço.

Nelson Rodrigues viveu intensamente esta mudança estilística da crônica esportiva nacional. Com seu estilo passional e dramático, teve suas crônicas questionadas por outros cronistas. Sobre Nelson Rodrigues, Armando Nogueira disse, refletindo sobre o livro *À sombra das chuteiras imortais*:

À sombra das chuteiras imortais é a obra sem igual de um cronista que nunca deu a mínima bola para a frígida aritmética do jogo. Na ótica privilegiada de Nelson, futebol sempre foi e há de ser arrebatamento. Paixão avassaladora. Chuteiras sangrando pela doce abstração de um gol.²²

Como uma espécie de sobrevivente no mar de objetividade que surgia, Nelson Rodrigues criou termos para contestar a nova maneira de ver e falar sobre futebol. A expressão “idiotas da objetividade” foi uma delas e esteve presente em diversas crônicas. “O videoteipe é burro” também foi criada com essa intenção.

Depois do meio do século XX, apesar desta cisão, muitos cronistas mantiveram a linguagem poética e o lirismo em seus textos, como por exemplo, Armando Nogueira, Sérgio Porto, João Saldanha, Luís Fernando Veríssimo, fato que indica resistência à objetividade jornalística motivada pela televisão, e que viria a se intensificar a partir da década de 1990, com o advento da internet.

²² RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 5-6.

XICO SÁ

Xico Sá entra nesta discussão por fazer parte dos cronistas esportivos de mais renome e reconhecimento até a década de 2010. Filho de um pequeno agricultor e de uma dona de casa, Francisco Reginaldo de Sá Menezes, o Xico, nasceu no árido Crato, microrregião do Cariri, no Ceará, em 6 de outubro de 1962. Porém foi no Recife, onde morou dos 16 aos 28 anos – antes de se mudar e fixar em São Paulo – que Xico Sá vislumbrou as peças mais presentes e inspiradoras de seu futuro: boêmia, literatura e jornalismo. Já foi repórter de *O Estado de S. Paulo*, revista *Veja*, e passou também pelo *Tablóide Esportivo* e o jornal *O Comércio*, do Recife. Ganhou alguns prêmios, entre eles um Esso e o Prêmio Folha. Na televisão, já teve participações no programa “Amor & Sexo”, da Globo, “Cartão Verde”, da TV Cultura, “Saia Justa”, da GNT, e “Extra-Ordinários” e “Redação SporTV”, do canal a cabo SporTV. É autor ainda de diversos textos literários, dos quais se destaca a trilogia de crônicas *Modos de Macho & Modinhas de Fêmea* (2003), *Chabadabadá – Aventuras e Desventuras do Macho Perdido e da Fêmea que se Acha* (2010) e *Os machões dançaram* (2015), pela Editora Record.

Atualmente, Xico Sá pode ser considerado um escritor e jornalista bem-sucedido, se considerarmos a popularidade e os méritos adquiridos ao longo da carreira. Entretanto, em outubro de 2014 ele pediu demissão do cargo que ocupava como cronista do caderno de Esportes da *Folha de S. Paulo*, jornal onde atuou por duas décadas. Em causa estava a recusa do veículo em publicar uma crônica de esportes em que Xico Sá declarava seu voto em Dilma Rousseff, nas eleições presidenciais daquele ano.

Na *Folha*, Xico escrevia sobre variados assuntos, autointitulando-se um “cronista de costumes”. Nosso olhar, porém, estará focado em suas crônicas esportivas, publicadas na *Folha de S. Paulo* durante o Mundial de futebol na África do Sul de 2010. Trabalharemos de forma a compreender a maneira como o cronista interpreta e representa o futebol através de seus escritos, verificando sua maneira de utilizar elementos constituintes da chamada “identidade nacional” ou “brasilidade”.

“BRASILIDADE” E XICO SÁ: TODOS CONTRA O BRASIL

A primeira crônica de Xico Sá na Copa de 2010 surge com o título “O homem anticopa”. Será essa a maior recorrência nos textos de Xico Sá no período do Mundial da África do Sul: a torcida anti seleção brasileira. Para manifestá-la, ele cria um personagem chamado “Corvo Edgar” que, inspirado no poema “The Raven” (“O Corvo”) de Edgar Allan Poe, é resmungão, pessimista e agourento: o retrato do torcedor secador. Em certos momentos, o escritor evidencia sua opinião quanto à Copa do Mundo: “Amigo torcedor, amigo secador, ainda bem que o Nordeste, torneio regional iniciado nesta semana, nos permite ver o velho e bom futebol de times de verdade e fugir da histeria da Copa”.²³

Alheio às grandiosidades do torneio organizado pela FIFA, o tom é de desencanto, em oposição às coberturas usuais do jornalismo impresso, em constante euforia em época de Copas do Mundo. Seu posicionamento soa como um repúdio ao futebol globalizado, principalmente quando destaca elementos mais autóctones do futebol brasileiro:

Homem que é homem só aprecia o time do peito. Pergunte a qualquer corintiano se trocaria um título da Libertadores pelo hexa do escrete canarinho. Autêntico macho-jurubeba, o típico macho de raiz que vem a ser o contrário do metrossexual, Rinaldo tem como ídolo eterno o primo Beijoca, grande atacante do seu Bahia glorioso.²⁴

Neste trecho, o Corinthians e o Bahia são tratados como peças mais relevantes do que a seleção. A relação time do peito (torneio regional) e seleção brasileira (torneio mundial) sugere um confronto entre o futebol arte e o futebol globalizado.

O futebol arte pode ser definido como um formato que privilegia essencialmente o ataque, o drible, e principalmente a dimensão estetizante do futebol. A origem do virtuosismo de seus craques está desligada das formações relacionadas ao esporte espetacularizado de alto rendimento. O surgimento de um novo tipo de futebol, de grandes estrelas, contratos milionários, envolvidos em exposição, publicidade e busca de resultados embasam o cerne da crítica de Xico.

²³ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 11/06/2010.

²⁴ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 11/06/2010.

Segundo Viana:

Os saudosistas do futebol-arte são mais críticos e avançados do que os torcedores que cederam ao discurso tecnicista do “futebol de resultados”, cópia futebolística do reformismo do “sindicalismo de resultados”. Os dribles do Garrincha, os gols de Pelé, a bola e os dribles da seleção brasileira de 1982/1986 com Falcão, Zico, Júnior, Sócrates, os gols de bicicleta e olímpicos, foram substituídos por passes errados, defensivismo, mediocridade.²⁵

O cronista não se intimida em assumir-se “secador” da seleção brasileira, utilizando ironia para tecer críticas à nova máquina futebolística, que, de acordo com seu ponto de vista, não parece ter relação exclusiva com a paixão e emoções, mas sim com questões mercadológicas. Há trechos em que esse ponto de vista fica bastante explícito: “Dito isso, os cravos obsessivos foram consolar as dinamarquesas, as loiras injustamente eliminadas do torneio caça-níquel da Fifa”.²⁶

Em outro trecho: “Q de quase: a bola quase entra... O que seria do secador sem o quase? R de roubalheira: fenômeno que nunca ocorre a favor do nosso time. S de secador: porque torcer é para amadores”.²⁷ Xico está descrevendo o abecedário filosófico do “Corvo Edgar”, personagem para quem torcer é obsoleto, e secar os times é o que realmente faz sentido.

Giulianotti²⁸ criou a denominação de “pós-torcedor”, uma nova categoria de torcedor cidadão que procura demonstrar maior capacidade de reflexão e maior distanciamento com relação à cultura popular. Esses torcedores teriam uma posição mais crítica em relação ao futebol e à sua apropriação pelos meios de comunicação. O torcedor “secador” de Xico Sá sugere exatamente isso, uma maneira crítica de enxergar o futebol, sem romantizações.

Podemos analisar as crônicas considerando seu contexto temporal e social. Tomemos como exemplo a Copa de 1970, disputada no México: o futebol era encarado de outra forma, inserido em um contexto de menor globalização econômica. O Brasil estava prestes a ser tricampeão mundial, e a paixão pelo futebol se concretizava na devoção à seleção. Nelson Rodrigues, em uma de suas crônicas da época, dizia:

²⁵ VIANA. Notas sobre o significado político do futebol, p. 15.

²⁶ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 25/06/2010.

²⁷ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 15/06/2010.

²⁸ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e sócio-culturais do esporte das multidões*.

O meu assunto de hoje é, justamente, o escrete que está maravilhando o mundo. Tem sua história, tem a sua lenda. Antes de mais nada, não pensem que se improvisa um escrete da noite para o dia. Não. É todo um secreto, um misterioso, um profundo trabalho de gerações. Até que, um dia, há o milagre: — juntam-se, então, no mesmo time, um Pelé e um Gérson, um Rivelino, um Jairzinho.²⁹

Em 2010, Xico Sá rejeita a devoção pela seleção e tenta provocar um novo tipo de sentimento no leitor: a descrença pela “Pátria em chuteiras”, termo criado por Nelson Rodrigues, cuja função era dar vazão à importância do futebol para a nação, especialmente em relação à seleção. Segundo Bartholo e Soares:

A mercantilização do esporte e da Copa do Mundo provoca tensões em relação aos ideais românticos do esporte e às identidades essencializadas dos Estados nações, quando explicitam os vínculos esportivos com a acumulação do capital e a geração de lucro para os envolvidos direta e indiretamente.³⁰

Os valores propostos pelo cronista fortalecem a noção de regionalismo, de valorização do esporte sem lucros exorbitantes, de saudosismo em relação ao futebol-arte; de combate à grandiosidade imposta pelo futebol vinculado ao capital. No fundo, o que Xico Sá promove não está distante da proposta antropofágica do modernismo brasileiro na primeira metade do Século XX – ou como diz o escritor Oswald de Andrade em seu “Manifesto Antropófago” de 1928, “nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós”.³¹ Nesse texto, Oswald defendia a tese de que a cultura brasileira, mantendo-se indiferente ao racionalismo e historicismo europeus, possuiria a peculiaridade de saber assimilar e transformar os valores ocidentais, criando novas sínteses: “Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. (...) Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiro e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil”.³²

O ideal antropofágico deveria ser capaz, portanto, de digerir o legado cultural estrangeiro e (re)significá-lo por meio de uma arte tipicamente brasileira. E, além disso, a prioridade do riso sobre todas as outras coisas, como Xico Sá comete em

²⁹ RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 203.

³⁰ BARTHOLO; SOARES. *Identidade, negócio, esporte no mundo globalizado*, p. 58.

³¹ ANDRADE, *apud* TELES. *O manifesto antropófago*, p. 505.

³² ANDRADE, *apud* TELES. *O manifesto antropófago*, p. 504.

todos os textos: “A alegria é a prova dos nove”, aforismo que aliás aparece duas vezes no mesmo “Manifesto Antropófago”.

O CARNAVAL

A felicidade do pobre parece a grande ilusão do carnaval. A gente trabalha o ano inteiro, por um momento de sonho pra fazer a fantasia, de rei ou de pirata ou jardineira e tudo se acabar na quarta feira.

Tom Jobim.

Se todo escritor reflete seu tempo, há de se convir que é mais do que compreensível que Xico Sá, ao escrever sobre o futebol, deixe escapar marcas da “brasilidade”, como o carnaval, a estereotipada sensualidade da mulher brasileira e a diversidade: “Nem a farra que as moças fazem durante o torneio mundial, a pátria em shortinhos e minibusas, atrai o nosso inflexível baiano”.³³ O baiano é Rinaldo, autêntico “macho-jurubeba”, que não troca, de maneira alguma, seu time do peito pela seleção brasileira. O cronista se refere a festas e moças como elementos mais interessantes do que os jogos da Copa.

Sobre o Brasil, DaMatta reflete que a festa representa uma ocasião em que comemos, rimos e vivemos o mito ou utopia da ausência de hierarquia, poder, dinheiro e esforço físico.³⁴ Para nós, brasileiros, a festa é sinônimo de alegria, o trabalho é eufemismo de castigo, dureza, suor. É assim que o Brasil se mostra nos textos de Xico Sá, em forma de festa e alegria. Seu estilo literário mistura irreverência, apelo ao popular e proximidade com o leitor, o que nos aproxima da leveza e da desinibição: “O torneio mundial não passa de um concurso de miss não-me-toques, tudo bichado pelo fim da temporada europeia, tudo fake”.³⁵ Há aproximação da oralidade em seu método, como numa conversa direta com o leitor. Ao optar por expressões coloquiais, ele se afasta do que, segundo DaMatta, seria a seriedade da vida (rebuscamentos da escrita), e aproxima-se da utopia da ausência de regras, comprazendo-se numa escrita “festiva”.

³³ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 21/06/2010.

³⁴ DAMATTA. *O que faz o Brasil, Brasil?*.

³⁵ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 21/06/2010.

Em outro trecho, Xico expõe novamente esta questão: “Copa é isso: farra e mulher bonita, porque gostar de futebol é outra parada”.³⁶

DaMatta tenta definir o carnaval como uma ocasião em que a vida diária deixa de ser operativa e, em função disso, um momento extraordinário é inventado.³⁷ Neste sentido, a carnavalização dos nossos gostos, a festa das palavras, a maneira de despojar-se da seriedade podem ser explicados pelo histórico brasileiro. DaMatta considera que na sociedade industrial, a ausência de movimento é sintoma de mal-estar social. O acidente – aquilo que não foi planejado ou previsto – é também sinal de que algo está indo mal. O Brasil, sob este ponto de vista, não pode ser considerado sociedade industrial, o que sugere que sua condição de país subdesenvolvido instiga a intensidade festiva retratada nas crônicas.

A MULHER

Xico Sá também trata de um dos temas que representam a sociedade brasileira, além do futebol e do carnaval – em que pesam os estigmas e estereótipos a ele atrelados: a mulher. Grande apreciador da figura feminina, é bastante recorrente a referência a elas nos textos analisados. Vejamos alguns exemplos:

Amigo torcedor, amigo secador, diante da euforia da pátria em shortinhos e miniblusas – que tarde linda!³⁸

Líricos no último, Edgar e Bacon, sempre crentes no safári da vida e nos ditos populares de caças e caçadores, foram vistos ontem nos braços de duas princesas de ébano.³⁹

Como elas amam este salão internacional futebolístico. Sábias, não perdem tempo com os Olarias e Madureiras, como este cronista. Apreciam a evolução da espécie, dizem. Desgraçadas.⁴⁰

O cronista parece dividido entre um sentimento de admiração e um resquício do machismo estrutural que hipersexualiza os corpos femininos. No livro “O que faz o Brasil, Brasil”, Roberto DaMatta propõe uma comparação entre a mulher e a comida, dois apreciados componentes brasileiros; e reflete que simbolicamente o feminino é

³⁶ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 21/06/2010.

³⁷ DAMATTA. *O que faz o Brasil, Brasil?*.

³⁸ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 21/06/2010.

³⁹ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 25/06/2010.

⁴⁰ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 27/06/2010.

atrelado à comida e ao doce, enquanto o salgado e indigesto são relacionados a aspectos cruéis e duros da vida, associados historicamente ao masculino.

Na crônica “Amor de goleiro”, Xico discorre sobre a dificuldade do goleiro da Espanha em se concentrar, quando a sua namorada, por ser jornalista, está próxima ao gol durante algumas partidas. “A morena acompanha, profissionalmente, o time do amado, sempre a poucos metros da rede do guarda-metas. Segundo a versão mais fanática, aqueles “ojos verdes” teriam desconcentrado o pobre rapaz. Faz todo o sentido do mundo”.⁴¹

Interpretando o trecho sob a ótica da teoria de DaMatta, a namorada teria desencadeado reações emocionais em um momento de grande seriedade, desconcentrando o goleiro de seu “rol de obrigações”. A doçura, nesse momento, teria englobado a racionalidade.

Há diversas conotações sexuais nos textos: “É uma torcida feminina vestida até o pescoço, tudo bem, faz frio n’África, mas as dinamarquesas fizeram um milagre em minha vida: voltei a gostar de loiras, isso é magnífico”.⁴²

Ainda nesta crônica, há uma expressão que se mostrará frequente no conjunto da obra: *pátria de shortinhos e miniblusas*. Xico trata o fato de as mulheres na Copa estarem “vestidas até o pescoço” como um demérito. Segundo DaMatta, o comer estaria associado à intenção de englobar, abarcar o outro, a base da metáfora para o sexo. Esta concepção se dá no sentido sociológico, e pode ser enxergada nas entrelinhas dos comportamentos diários, bem ilustrados nas crônicas:

Coitada da musa da Copa, a nossa Larissa Riquelme, ilustre testemunha desta partida. Isso não se faz com uma fêmea desse porte, queridos guaranis. Ainda mais se levarmos em conta a promessa da modelo. Ela vai tirar a roupa, em uma praça de Assunção, caso os paraguaios cheguem às semifinais da Copa do Mundo.⁴³

Xico está falando sobre o jogo entre as seleções do Japão e Paraguai, cujo resultado final foi 0 a 0. Tal resultado não ajudaria Larissa Riquelme a concretizar o que, para Xico, seria um grande acontecimento: a moça ficar nua em praça pública.

⁴¹ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 19/06/2010.

⁴² XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 23/06/2010.

⁴³ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 23/06/2010.

Na crônica “Na várzea da vida”, o cronista reflete sobre o interesse crescente das mulheres por futebol, fato que estaria deixando o homem apreensivo quanto à sua dominância.

Bobagens, meu bem, bobagens, com alguns itens engraçados, mas reveladores do nosso desespero em perder espaço na derradeira bastilha da guerra dos sexos. Que comandem plataformas de petróleo, que governem países, que nos cantem, que nos sustentem, que pisem em Marte e em Vênus, tudo isso pode. Menos matar a autoridade no universo futebolístico.⁴⁴

O homem teme perder espaço no meio que historicamente foi de seu domínio. Podemos integrar a atitude englobadora de viés sexual a uma atitude de domínio, uma tentativa simbólica de suplantação.

O fato é que as comidas se associam à sexualidade, de tal modo que o ato sexual pode ser traduzido como um ato de “comer”, abarcar, englobar, ingerir ou circunscrever totalmente aquilo que é (ou foi) comida. A comida, como a mulher (ou o homem, em certas situações), desaparece dentro do comedor — ou do comilão. Essa é a base da metáfora para o sexo, indicando que o comida é totalmente abraçado pelo comedor. A relação sexual e o ato de comer, portanto, aproximam-se num sentido tal que indica de que modo nós, brasileiros, concebemos a sexualidade e a vemos, não como um encontro de opostos e iguais (o homem e a mulher que seriam indivíduos donos de si mesmos), mas como um modo de resolver essa igualdade pela absorção, simbolicamente consentida em termos sociais, de um pelo outro.⁴⁵

As insinuações sexuais somadas à representação da mulher como parte de um universo distrativo, dócil e festivo dizem muito sobre o modelo patriarcal que enreda o conceito de brasilidade.

A DIVERSIDADE

Como desfecho para a exemplificação de como Xico Sá transmite a “brasilidade” por meio de sua prosa, não podíamos deixar de falar sobre diversidade cultural, tão representativa do Brasil.

Rinaldo é um daqueles milhares de brasileiros que acreditam que a CBF vendeu a Copa de 1998, na França, para o país-sede. Impressionante como

⁴⁴ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 13/06/2010.

⁴⁵ DAMATTA. *O que faz o Brasil, Brasil?*, p. 47.

ainda hoje sobrevive a suposta lenda. Entre os taxistas – mais conspiradores que o cineasta Michael Moore –, não há dúvida. Entregamos a rapadura. A convulsão do Ronaldo teria sido só o segundo ato da tragicomédia.⁴⁶

Nas crônicas, não há grandes ícones, mas sim personagens do cotidiano, como Rinaldo, o baiano anti-seleção. É interessante pensar que o cronista escolheu alguém fora do eixo Rio-São Paulo como personagem. Alguém que representa o Brasil para além das hegemonias. “Entregamos a rapadura”, ele diz. A origem popular do alimento dá vazão à nossa cultura: há diversidade de gostos, jeitos, cores e condições socioeconômicas. Sobre a diversidade e valorização de práticas nacionais:

A América do Sul, no geral, e o Brasil, em particular, negariam a imposição das dicotomias e oposições binárias do mundo dominante (eurocêntrico e norte-americano) a partir da valorização de práticas oriundas da mestiçagem, da turbulência cultural, da diversidade rítmica e da antropofagia.⁴⁷

Essa imposição e valorização dos elementos constituintes da cultura brasileira estão presentes em alguns outros trechos:

D de Dunga: bata na madeira três vezes diante da pronúncia.⁴⁸

Não fosse o início da disputa que reúne 18 dos principais clubes do Nordeste, a maioria jogando com seus reservas, meu amigo já estaria exilado no seu sítio em Juazeiro, onde pode se isolar da farra da Copa, entretido com caça e pesca, suas aventuras prediletas na margem do rio São Francisco.⁴⁹

O siri na lata do Recife, idem, por simples apego histórico à turma de Nassau, Frans Post e sua esquadra artística. A coruja de seu Lunga, em Juazeiro do Norte, é espanhola, brava, bravíssima. A graúna de Durvalzim, secador do Come-Fogo em Ribeirão Preto, segue os bigodes nevados do Vicente del Bosque. Edgar, o corvo, vai na contramão do polvo, óbvio, puro despeito. O urubu Augusto, aquele que pousou na sua sorte, filho do Engenho Pau D'Arco, Paraíba, aprecia detalhes mórbidos: decisão nos pênaltis, após 0 a 0 de doer nos ossos.⁵⁰

No primeiro trecho, a referência à crendice de bater na madeira para eliminar maus agouros revela o imaginário popular brasileiro. Termos como *Nordeste*, *Juazeiro*, *caça e pesca*, *rio São Francisco* pincelam regiões do Brasil, além de citar caça

⁴⁶ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 11/06/2010.

⁴⁷ PINHEIRO. *Aquém da identidade e da oposição*, p. 16.

⁴⁸ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 15/06/2010.

⁴⁹ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*, 11/06/2010.

⁵⁰ XICO SÁ. *Folha de São Paulo*. 11/07/2010.

e a pesca, atividades originárias de povos indígenas. No último trecho, as referências geográficas são diversas: *Recife, Juazeiro do Norte* (novamente), *Ribeirão Preto, Paraíba, urubu Augusto*, (aqui numa referência ao poeta paraibano Augusto do Anjos). Elas nos deixam com uma sensação de mistura, de imagens cujas forças sugerem um formato singular “de uma sociedade híbrida, mestiça, cheia de raízes ameríndias e africanas e não apenas européias”.⁵¹ A diversidade de tradições forma um verdadeiro “vigor híbrido”, nas palavras de Freyre, que se acomodaria garantindo o equilíbrio e a unidade da nação.

CONCLUSÃO

Ao lado da tendência pragmática do jornalismo impresso, Xico Sá demonstra que a crônica ainda tem muito a vislumbrar no âmbito literário, e, de maneira poética, convida o leitor a refletir sobre o futebol e o que o circunda. A emotividade se torna clara com a utilização de linguagem coloquial, humor e parcialidade. Ele explora com leveza e humor o espírito nacionalista ou a chamada “brasilidade”.

A leitura das 16 crônicas que compuseram nosso *corpus* de análise possibilitou o entendimento de um novo tipo de torcedor: o secador. Tal reconhecimento leva a crer que as mudanças do futebol – que se há alguns anos era futebol-arte, hoje é globalizado – trouxeram mudanças no que se refere ao sentimento do brasileiro em relação à seleção. Ainda assim, Xico Sá demonstra, por meio de seu já reconhecido domínio da linguagem, que diversas noções antropológicas de “brasilidade” estão inseridas na forma e no conteúdo de seu texto. O carnaval e a festividade evidenciam-se na linguagem coloquial e próxima da oralidade, além das manifestas citações à alegria do brasileiro em festejar. A mulher e a diversidade cultural, tão dignamente infiltrados nas simbologias que representam o Brasil, também estão presentes em suas crônicas.

Desta forma, verifica-se que o cronista se mantém no exercício de informar sem os formalismos inspirados pelas tendências jornalísticas, e que sua escrita favorece a afirmação de uma coloquialidade e irreverência que se

⁵¹ FREYRE. *O negro no futebol brasileiro*.

distanciam do padrão de texto cultivado pelo próprio jornal em que os textos foram publicados.

Por último, cabe lembrar ainda o cronista Paulo Mendes Campos, que costumava dizer, por volta das décadas de 1950 e 1960, que a imprensa esportiva brasileira teimava em não realizar sua Semana de Arte Moderna. A linguagem parnasiana e pretensamente rebuscada que invadia as redações de jornais era muito contaminada pela imaginação fértil dos repórteres e locutores de rádio. Mas não é exagero dizer que Nelson Rodrigues e Xico Sá, sem o assumirem, renovaram a crônica sobre esportes no Brasil por meio da introdução do riso, do falar coloquial, dos múltiplos intertextos e das constantes metalinguagens. Embora não filiados diretamente ao ideário dos Modernistas da Semana de 22, ambos praticaram textos com formulações muito caras ao próprio modernismo, como por exemplo o espírito antropófago de deglutir o elemento estrangeiro na produção de novas sínteses culturais.

* * *

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. **Enigma e comentário**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

BARTHOLO, T. L.; SOARES, A. J. G. Identidade, negócio, esporte no mundo globalizado: o conflito entre Guga e os patrocinadores na Olimpíada de Sydney. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas: Autores Associados, v. 28, n. 1, p. 55-72, 2006.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: _____. **Recortes**. Companhia das Letras, 1993.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

- DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DINIZ, Anna Carolina Paiva. O futebol como epopéia: análise das crônicas de Nelson Rodrigues sobre a Copa do Mundo de Futebol de 1958. **Ciências Humanas em Revista**, v. 7, n. 2, São Luís/MA, 2009.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**: Um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- FREYRE, Gilberto. Prefácio. FILHO, M. R. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e sócio-culturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2010.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- KONZEN, Paulo Cezar. **Ensaio sobre a arte da palavra**. Cascavel: Edunioeste, 2002.
- LAURITO, Ilka; BENDER, Flora. **A crônica**: história, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993.
- LOPES, Jorge Sérgio Leite. Futebol mestiço: história de sucessos e contradições. **Ciência Hoje** – Revista de Divulgação Científica da SBPC, Rio de Janeiro, v. 24, n. 139, 1998.
- LUCENA, Ricardo de Figueiredo. A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 1, 2003.
- MARQUES, José Carlos. A literatura invade a grande área: a crônica durante as Copas do Mundo de futebol. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2, 2005, p. 55-71.
- MARQUES, José Carlos. A crônica de esportes no Brasil: algumas reflexões. In: LOSNAK, Célio José; VICENTE, Maximiliano Martin. (Org.). **Imprensa & Sociedade Brasileira**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 85-101.
- MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: EDUC-FAPESP, 2012.
- MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOISÉS, Massaud. Crônica. **A criação literária** (prosa). São Paulo: Cultrix, 1983.
- PINHEIRO, Amálio. **Aquém da identidade e da oposição**. Piracicaba: Unimep, 1994.
- RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Petrópolis: Fumo, 1994.
- RODRIGUES, Nelson. Mário Filho, o criador de multidões. In: MARON FILHO, Oscar; FERREIRA, Renato. (Org.). **Fla-Flu... e as multidões despertaram**. Rio de Janeiro: Europa, 1987.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

RODRIGUES, Nelson. “O Jornal da véspera sai hoje”. **O Reacionário**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

ROSSETI, Regina; VARGAS, Herom. A recriação da realidade na crônica jornalística brasileira. **UNirevista**, v. 1, n. 3, 2006.

SILVA, Eliazar João da. **Bola na rede**: o futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização. Dissertação de Mestrado. Unesp (Assis): 2000.

VIANA, Nildo. Notas sobre o significado político do futebol. **Revista Espaço Acadêmico**, UFG, n. 111, 2010.

* * *

Recebido em: 02 de março de 2022.
Aprovado em: 03 de dezembro de 2022.